

ACORDO COMERCIAL UE - MARROCOS É MAIS UM PASSO NA DESTRUIÇÃO DA AGRICULTURA NACIONAL

Depois de terem sido alcançados os acordos comerciais sobre produtos agrícolas e da pesca entre a União Europeia, o Egito e Israel, surgem agora notícias de que foram concluídas as negociações comerciais sobre produtos agrícolas entre a União Europeia (UE) e Marrocos.

Esta é mais uma má notícia para os Agricultores Portugueses, para a generalidade dos Agricultores Europeus e para todos os pequenos e médios Agricultores Marroquinos, para além de todos os outros que não se dedicam aos cultivos dedicados para exportação.

Este é mais um acordo negociado em segredo, fora de qualquer processo de debate democrático e transparente com os interessados, do qual, numa altura tão avançada do processo, ainda não se conhecem todos os contornos.



Mas pelo que se sabe já, mais uma vez se perspectiva um acordo que visa unicamente objectivos económicos, arredado de qualquer valia social, ambiental, de qualidade/ segurança alimentar para os Povos em questão.

Mais uma vez aí temos um acordo que não deixará de lado, no seu clausulado, a potenciação/protecção do investimento por parte das multinacionais Europeias do agro-negócio em Marrocos, que beneficiarão de mão-de-obra barata, com um salário mínimo agrícola garantido de 50 Dirhams por dia, qualquer coisa como 4,5 €

Portanto, à semelhança das consequências dos demais Tratados de Livre Comércio (TCL's) que tem sido “vendidos” como a solução milagrosa para os países em vias de desenvolvimento, este acordo trará consequências desastrosas para os grupos mais vulneráveis.

Assim, no final, não vão ser os agricultores Marroquinos a beneficiar com este tipo de acordo. As Multinacionais e outras grandes empresas Agroalimentares, essas sim, é que vão ganhar com a mais valia da exportação dos seus produtos para a Europa; essas é que terão o caminho facilitado para explorar novos recursos naturais; que beneficiarão de recursos humanos com baixos direitos sociais; que vão dispor de mais um mercado aberto, sem barreiras comerciais, para especular a seu belo prazer.

Acresce ainda que, quase sempre, os TCL's, ao potenciarem este tipo de “colonialismo” moderno (neste caso a mais valia da exploração dos recursos é retirada pelas transnacionais sediadas nos países ditos desenvolvidos), provocam consequências muito negativas no acesso das populações aos alimentos básicos, provocadas pelo aumento da pressão sobre os recursos naturais (terra e água) e pela substituição dos cultivos tradicionais por cultivos intensivos e para exportação.

A este propósito aconselho vivamente a visualização da reportagem emitida pela SIC “O sabor amargo do chá” em:

<http://sic.sapo.pt/online/video/informacao/historias-do-mundo/2009/12/o-sabor-amargo-do-cha-e-outras-historias-contadas-por-augusto-madureira02-12-2009-221244.htm>).

Por cá, nós sofreremos com a baixa dos preços na produção e com as dificuldades acrescidas no escoamento provocada pela entrada, nas grandes superfícies, de produtos de baixo preço, isentos de regras e normativas como aquelas que são impostas aos nossos Agricultores.

Salienta-se que este acordo da UE com Marrocos é quase a liberalização total das trocas comerciais de frutas e hortícolas, produções tipicamente mediterrânicas.

Numa outra linha, dizer que não será ingénua a preocupação que a UE tem tido em investir em países em desenvolvimento, para preparar os mesmos para participar no comércio e na chamada economia global. Segundo demonstra um relatório apresentado há pouco tempo pela Comissão Europeia à Organização Mundial do Comércio, só entre 2006 e 2008, a UE gastou neste tipo de investimentos mais de mil milhões de euros, sendo a Tunísia um dos beneficiários e que é, por um acaso, outro dos países com quem a UE está a tentar fechar um outro acordo comercial.



Este acordo conseguido agora entre a UE e Marrocos, se for ratificado pelo conselho de Ministros da UE, levará a mais concentração da produção agrícola à custa do desaparecimento da agricultura familiar e ao aumento imensurável das margens de lucro das multinacionais da distribuição e do comércio agrícola à custa das condições sociais das populações.

Ao mesmo tempo que cresce o controlo do comércio alimentar por parte das multinacionais (actualmente as 10 maiores empresas de alimentação e bebidas controlam 26% do mercado mundial de produtos alimentares embalados) cresce o número de pessoas que sofrem de fome no Mundo que hoje já atinge mais de mil milhões de seres humanos.

Portanto, ou se altera radicalmente toda esta situação “estratégica” ou as coisas só podem tender para se agravar. Até quando ?

José Miguel Pacheco